



**UEPB-UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

JOSÉ HÉLCIO ALVES PORTO

**A EMERGÊNCIA DA REGIÃO NORDESTE: OS OLHARES IMAGÉTICOS
DISCURSIVOS SOBRE UMA REGIÃO**

**JOÃO PESSOA
2014**

JOSÉ HÉLCIO ALVES PORTO

**A EMERGÊNCIA DA REGIÃO NORDESTE: OS OLHARES IMAGÉTICOS
DISCURSIVOS SOBRE UMA REGIÃO**

Monografia apresentada como exigência para obtenção do grau de Especialização em curso de especialização em: Fundamentos da Educação: Práticas pedagógicas interdisciplinares da UEPB- Universidade Estadual da Paraíba.

Orientador: Me. José do Egito Negreiros Pereira

**JOÃO PESSOA
2014**

JOSÉ HÉLCIO ALVES PORTO

P853e Porto, José Hécio Alves

A emergência da região Nordeste [manuscrito] : os olhares
imagéticos discursivos sobre uma região / José Hécio Alves Porto.
- 2014.

30 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Fundamentos da Educação:
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares EAD) - Universidade
Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e
Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Prof. Me. José do Egito Negreiros Pereira,
Departamento de História".

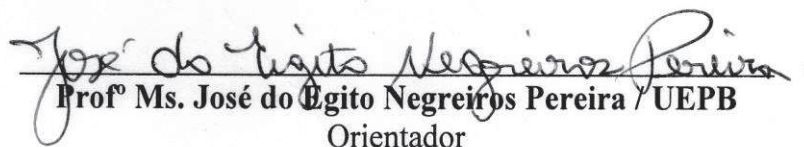
1. Nordeste. 2. Imagem. 3. Discursos. I. Título.

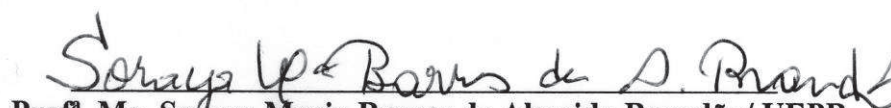
21. ed. CDD 302.23

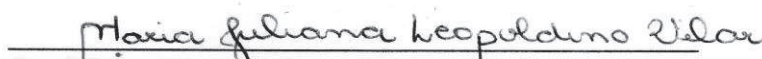
A EMERGÊNCIA DA REGIÃO NORDESTE: OS OLHARES IMAGÉTICOS DISCURSIVOS SOBRE UMA REGIÃO

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, em convênio com a escola de serviço público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialização em educação.

Aprovada em 06 / dezembro 2014.


Prof^o Ms. José do Egito Negreiros Pereira / UEPB
Orientador


Prof^a. Ma. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão / UEPB
Examinadora


Prof^a Esp. Maria Juliana Leopoldino Vilar / UEPB
Examinadora

DEDICATÓRIA

Aos mestres, que iluminam a minha vida com suas experiências.

AGRADECIMENTOS

Aos mestres, pela ajuda e dedicação, pela força e presença constante, e por me guiar à conclusão de mais uma preciosa etapa de minha vida, em especial o professor orientador: José do Egito e a professora: Bruna Gomes, que muito ajudaram para as amarrações de ideias.

EPIGRAFE

A História exige um trabalho que compreenda a complexidade para além das formulações de bom e mau.

RESUMO

A presente obra visa através do estudo do discurso, da literatura e da música identificar os fatores que ajudaram a criar uma imagem do Nordeste. Seus estereótipos, as práticas passadas, tendo como parâmetro a obra de Durval Muniz de Albuquerque Júnior: A invenção do Nordeste e outras artes.

Palavras-chave: Nordeste. Imagem. Discursos. Invenção.

ABSTRACT

This work seeks through the study of discourse, literature and music to identify the factors that helped create an image of the Northeast. Their stereotypes, past practices having as the work of regalia Durval Muniz de Albuquerque Junior: The invention of the Northeast and other arts.

Keywords: Northeast. Image. Speeches. Invention

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	11
2.	OBJETIVOS.....	13
3.	CAPÍTULO 1 - O DISCURSO E A PRESERVAÇÃO DA CULTURA.....	14
4.	CAPÍTULO 2 – IMAGENS QUE FALAM MAIS QUE MIL PALAVRAS...18	
5.	CAPÍTULO 3 – O NORDESTE COMO FOCO DE DISCURSÕES (DO SEPARATISMO PRECONCEITUOSO Á EXALTAÇÃO PARADISIACA).....	20
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
7.	REFERÊNCIAS.....	30

INTRODUÇÃO

Buscar a desconstrução, ou seja, amenizar a caracterização que foi e vem sendo dada a região nordeste, contextualizando a própria ideia de identidade, tão presente em diversos discursos, a construção mental que se faz de um lugar, uma região, partindo nem sempre de interesses construtivos, as vezes até Pré-conceito cultural destrutivos. Como deixa claro Durval Muniz, será o foco deste trabalho.

...Ele nos chegam e são subjetivados por meio da educação, dos contatos sociais, dos hábitos, ou seja, da cultura, que nos faz pensar o real como totalizações abstratas. Por isso, a história se assemelha ao teatro, onde os atores, agentes da história, só podem criar à condição de se identificarem com figuras do passado, de representarem papéis, de vestirem máscaras, elaboradas permanentemente. (Durval Muniz, ano 2012 pág. 38)

Concentrarei esta obra analisando o Nordeste como “calamidade”, “saudosismo” e “revoltas”. No primeiro contexto, temos a construção do discurso da vitimização, que necessita do socorro e da filantropia do sul/sudeste. Na questão do saudosismo, um enfoque a literatura: Gilberto Freyre, José Américo, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz.

Euclides da Cunha: “O nordestino é antes de tudo um forte” (Os Sertões)

Mário de Andrade fala à respeito de não importar se a palavra que se destaca é “Sertanejo” ou “Nordestino”, ambos os termos tem em seu contexto a exaltação das forças e bravura desse povo. Entrando no contexto da “Paraíba pequenina e brava” inserindo-se nas revoltas que participou. Apesar da estrutura midiática tratar o nordeste como linha auxiliar no processo histórico, temos com os livros que a história não é essa, e que brilha no contexto histórico dos levantes, bem como nas decisões atuais, o nordeste sempre foi peça chave para guiar as decisões do país.

Também é importante observar a atuação do discurso de esquerda, ou melhor, de ataque ao sistema capitalista, neste momento um passeio nas obras de Jorge Amado e Graciliano Ramos.

2 OBJETIVOS

PRINCIPAL:

Abordar o aparecimento do termo Região Nordeste no cenário brasileiro.

ESPECÍFICOS

Olhares da Literatura Nordestina sobre essa região.

Os olhares do Sudeste sobre a região Nordeste

O DISCURSO E A PRESERVAÇÃO DA CULTURA

Existe quase uma doutrinação no sentido de preservar a todo custo a cultura histórica “Nordestina”.

É muito importante atentarmos que este movimento encontra respaldo nas instituições estabelecidas, dentre elas principalmente a igreja (Padre Cícero, Ibiapina e Frei Damião), uma vez que a mesma encontra nesta a preservação de cultura, leia-se tradições, uma forma de manter o controle sobre mentes e preservar rituais de perpetuação do credo, que toca ao conformismo com a situação da pobreza e da miséria, em certos casos, encobrendo a omissão dos órgãos públicos.

Saliento que em alguns casos, questões sociais, torna-se caso de polícia, uma vez que passa a atrapalhar a ordem estabelecida, veja o exemplo de Canudos no sul da Bahia.

O fenômeno da seca, o fanatismo religioso, bem como o cangaço, farão com que o se crie uma imagem de um nordeste violento e selvagem. Toda uma imprensa do sul, tratará o norte/nordeste como área inferior, seja devido ao flagelo da seca, seja, pela organização social, onde se percebe a presença maciça de ex-escravos e miscigenados (mestiços).

O novo sempre causa alguns temores, e no nordeste grupos que se mantem a décadas no poder, não querem abrir mão deste privilégio, em muitos casos enforcam a cultura no sentido de manterem o seu status. Sendo verdadeiros opositores de mudanças significativas na região. Para isso apelam para o sentimento saudosista, como se a região não fizesse parte do Brasil em desenvolvimento.

Nesse contexto o autoritarismo se faz presente, a figura do coronel que sempre determinou o que poderia ou não mudar na região, verdadeiros currais eleitorais, com

diversas manipulações, verdadeiros senhores feudais, que insistem em manter o nordeste parado no tempo e no espaço. Como se para perpetuar seu poder necessitassem dessas premissas.

Imagens de atraso e dependência (ajuda), vão se aglutinando naquela que é também uma região muito rica, arriscando-me a dizer: Alto suficiente, como foi tão bem retratado na música Nordeste independente, cantando por Elba Ramalho.

“O Brasil ia ter de importar
Do nordeste algodão, cana, caju
Carnaúba, laranja, babaçu
Abacaxi e o sal de cozinhar
O arroz, o agave do lugar
O petróleo, a cebola, o aguardente
O nordeste é autossuficiente
O seu lucro seria garantido
Imagina o Brasil ser dividido
E o nordeste ficar independente”¹

A literatura trabalha com o nordeste de lembranças, mitos, as vivências do açúcar, servindo para o resgate do passado, lembrança de poder e riqueza.

Personagens típicos, servindo para retratar uma realidade heterogênea, em foco de um contexto específico vivenciado pelos autores. Relatos importantes, resgate de uma época, porém... carregam contextos ideológicos, e até pontos de vista que tentam justificar aquela realidade presente, reduzindo as vezes o foco de contextualização, e a imensidão das diversidades na região. “Beatismo, cangaço e coronelismo, colocam o nordeste como o oposto da modernização capitalista” (ALBUQUERQUE JR. ANO, P. 137).

1. *Compositor: Bráulio Tavares/ivanildo Vilanova*

A seca, tema que se transformou em discurso, nordeste é pensado como deserto, inóspito. Será justificativa para quase todas as desgraças: desorganização familiar, conflitos sociais, etc. Cria-se uma imagem para o nordeste, desoladora, infâmia. Fome, sede, cinzas e desolação.

O falar e o reivindicar em nome da região, dão as oligarquias suporte para fixar o contexto imagético do nordeste, outrora como faziam os coronéis.

Na literatura de José Lins do Rego, podemos observar uma ponte entre o passado e o presente, no mundo em processo de destruição, ou desconstrução.

Uma reconstrução de mundo, onde prevalece o pensamento nostálgico, também, verifica-se a visão paternalista de cunho cristã, no trabalho de Rachel de Queiroz. O homem contra as mentiras, as fatalidades.

Já a musicalidade nordestina transforma o nordeste em espaço de saudade, já que quem parte, pensa em melhorar de vida e voltar. Isso por haver todo um discurso de melhorias no sudeste, pelo principal veículo de comunicação: O rádio.

Até certo ponto parece uma antítese, uma vez que existe tanta miséria e desgraça na região, esse sentimento de não querer se desprender dela. Prefiro pensar que se o descaso e o oportunismo de alguns, criaram esta imagem, e a partir daí, o discurso na literatura, na música e nas artes. Discurso que procura desmerecer a região, sendo associada a pobreza e calamidades, é urgente se fazer a desconstrução, uma vez que esse discurso é incorporado principalmente pelo “grau de escolaridade” (índice IDEB) desta região e os investimentos em educação, que coloca o contexto, até mesmo da educação no campo, como uma prioridade “salvacionista”. Todas as regiões devem se integrar, cultural e economicamente, é preciso quebrar fronteiras, que procuram gerar tendências, traçar destinos, e colocam direcionamentos para algumas regiões, levando em consideração seu passado histórico, não devemos reproduzir o discurso da estagnação,

mas sim, do intercâmbio, da competitividade, e da competência, sem a subserviência que tentam colocar no discurso e na prática.

CAPÍTULO – II

IMAGENS QUE FALAM MAIS QUE MIL PALAVRAS.

O cinema nas suas origens no Brasil, aproveitando-se da literatura, bem como do contexto das tradições, para reforçar a imagem do Nordeste árido, sem vida, ou melhor de difícil sobrevivência, além de ser selvagem. Agora não só os relatos, também as imagens, sempre atentando-se para a seca, a morte, a poeira e a violência indomável do nordestino. Um retrato da selvageria em contraste com o sul/sudeste civilizado e desenvolvido.

Essa imagem permanece, marcada de certa forma, um discurso que mantém-se atual, pois ele é reproduzido inconscientemente, pela massa, no seu dia-a-dia.

As tragédias são priorizadas, menosprezando-se as belezas da região.

Região centro da economia na época colonial, onde a riqueza do açúcar, bem como a primeira capital em 1549, exaltada e desejada por nações dentro de um sistema mercantilista.

Histórico que pode ser usado como argumentação que a imagem de uma região, pode ser criada, a medida que muda o eixo econômico e as formas de encarar o desenvolvimento.

A temática do cinema, busca firmar-se pelo discurso da seca, mostrando deslocamento para o sul, reforçando a identidade nordestina como o espaço do sofrer, da tristeza, da miséria, um ser vítima o espaço, vítima da natureza.

As produções são repletas de manifestações folclóricas.

Na obra *O Cangaceiro*, de Lima Barreto, observamos uma colocação entre o civilizado e o primitivo. A imagem marcante inicial é cactos,. Pedras ao sol, ossadas de gado, remetendo ao contexto da seca e conseqüentemente o Nordeste.

Outra produção significativa é o *Pagador de Promessas*, um filme de Anselmo Duarte, destaque para os romeiros, misto de ingenuidade do campo e a “esperteza” da cidade. O enredo trabalha o exótico, nas atitudes do personagem principal (Zé da Burro). Uma representação de um nordeste culturalmente atrasado, visto de um olhar urbano.

Já a narrativa de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, um alerta na introdução, fala-se da realidade social, citando a miséria de 27 milhões de nordestinos. Esta obra, com adaptação de Nelson Pereira dos Santos. Retirantes vivendo na miséria, devido as relações de trabalho, na exploração do patrão, também, no abuso de autoridades.

CAPÍTULO 3

O NORDESTE COMO FOCO DE DISCURSÕES (DO SEPARATISMO PRECONCEITUOSO Á EXALTAÇÃO PARADISIACA)

O Brasil se iniciou a partir do nordeste brasileiro, fora lá no litoral Baiano que a Nau de Cabral aportou dando inicio a Terra Brasilis!

Apenas por esse fato já deveríamos manter a visão dessa região como importante já que foi a partir da imagem retratada na carta de Pero Vaz Caminha que o interesse pela Terra de Vera Cruz foi sinteticamente absorvido pelo mundo como um Paraíso perdido, mas o que percebemos ainda é que a importância dessa região é bem maior que apenas a chegada Portuguesa em Terras Tupiniquins. Embora ainda haja um dos maiores preconceitos pelos habitantes dessa região, que tão importante foi e é para o Brasil.

E então por que esta questão de separatismo ainda continua em mentes espalhadas por esse País continental?

De acordo com o dicionário "O independentismo, também chamado por vezes separatismo, é um conjunto de ideologias nacionalistas que têm a ver com a reivindicação dos direitos nacionais por parte de um povo sem Estado, em face de um Estado expansionário maior. Nas aplicações normais em português, muitas vezes o termo separatismo recebe uma denotação pejorativa".

Porém até onde sabemos o Nordeste não é um povo sem face, pelo contrario, podemos reafirmar que o Nordestino é sim um povo multifacetário, capaz de se organizar e ser autossuficiente.

Podemos citar na História grande gênios da Literatura como Jorge Amado, Ariano Suassuna, Graciliano Ramos, Aluísio de Azevedo, Castro Alves, José de Alencar, João Ubaldo Ribeiro entre outros. Sem deixar os méritos de nossos artistas de vanguarda como : João Gilberto, Gil, Betânia, Caetano e Tom Zé entre tantos que são a

cara da identidade Brasileira e que são fruto deste mérito de ser Nordestino.

Do que hoje chamamos Nordeste no que eram conhecidas na época como “províncias do norte” - veio uma das primeiras ameaças à unidade do País que ainda lutava para se consolidar como independente deste modo percebemos que não existe herança de povo subserviente e sim de um povo lutador, que desde sempre não reage de forma pacífica .

No fim de 1823, dom Pedro I dissolveu a primeira Constituinte do Brasil e outorgou uma constituição centralizadora, que tirava poderes das províncias. A revolta se espalhou pelo País, com ênfase em Pernambuco, onde havia ecos da revolução de 1817. Em 1824, eclodiu a Confederação do Equador, movimento separatista, antiabsolutista, cujo objetivo era criar uma república nas proximidades da linha do equador.

A região que, por volta de meados do século XX, passou a ser chamada de Nordeste foi o centro da economia durante a maior parte do período colonial. Perdeu o protagonismo com a descoberta de ouro em Minas Gerais. Mas manteve papel crucial na agricultura, não só com a cana-de-açúcar, mas também com o algodão e o couro.

E então por que ainda se espalha essa ideia de separação? A resposta ainda que ridícula é óbvia: A IDEIA DE INFERIORIDADE E PRECONCEITO.

A palavra "preconceito" tem como significado uma opinião ou um conceito formados por antecipação, geralmente com precipitação, sem uma análise mais profunda ou conhecimento de um determinado assunto. As pessoas não levam em consideração suficientes argumentos contrários e favoráveis e também múltiplos aspectos sobre os fatos. O preconceito está geralmente relacionado com a ignorância, aqui vista como a ausência de conhecimento acerca de determinado assunto. Invariavelmente se encontra acompanhada da teimosia, que é sua escrava fiel. Não

devemos nos deixar levar por esses pontos de vista e sim depois de um determinado conhecimento de um assunto tirar as nossas conclusões, evitando assim um “pré – conceito”.

A ideia de inferioridade que os Sulistas veem no nordestino retratada por vezes na figura de um povo guerreiro, sofredor, explorado por sua garra de trabalhado que vive desde seus primórdios com o fantasma da seca é um dos fatores predominantes nesse imaginário. Nesse aspecto podemos citar o poema de um dos representantes da cultura nordestina Luiz Gonzaga que mostra que mesmo com todas dificuldades ainda sim o nordestino consegue extrair o que de melhor a situação lhe oferece sendo defensor e representante maior dessa identidade.

Exaltação ao Nordeste

**Eita, Nordeste da peste,
Mesmo com toda seca
Abandono e solidão,
Talvez pouca gente perceba
Que teu mapa aproximado
Tem forma de coração.
E se dizem que temos pobreza
E atribuem à natureza,
Contra isso, eu digo não.
Na verdade temos fartura
Do petróleo ao algodão.
Isso prova que temos riqueza
Embaixo e em cima do chão.
Procure por aí a fora
"Cabra" que acorda antes da aurora
E da enxada lança mão.
Procure mulher com dez filhos
Que quando a palma não alimenta
Bebem leite de jumenta
E nenhum dá pra ladrão
Procure por aí a fora
Quem melhor que a gente canta,
Quem melhor que a gente dança
Xote, xaxado e baião.
Procure no mundo uma cidade
Com a beleza e a claridade
Do luar do meu sertão.**

O que vemos é que as dificuldades encontradas no dia a dia não se limitam apenas aos estados do Nordeste, na realidade essa desigualdade social está espalhada pelo Brasil inteiro e não apenas em determinada região, como por muitas vezes é pregada pela mídia, com isso não há necessidade alguma de querer excluir os nordestinos do mapa do Brasil, já que essa situação de diferença social esta enraizada por todo território nacional.

Porém os mesmos que defendem essa ideia esquecem de lembrar que o Nordeste carregou financeiramente o Brasil por 400 anos. Foi lá que durante 400 anos a agricultura alimentou a nação brasileira, a cana-de-açúcar foi responsável pela industrialização do sudeste e sul, lá estão as primeiras faculdades do país, lá está a primeira capital, lá está o polo tecnológico, petroleiro, lá está nosso sal, lá está a riqueza “esquecida” e a nossa cultura.

A ideia sempre reafirmada em discursos preconceituosos sobre tudo com o advento das redes sociais em 2014 teve mais uma enxurrada de ideias de separatismo. O resultado das eleições para presidente provocaram ondas de ofensas a nordestinos, das piadas de mau gosto ao preconceito sem máscaras. Como canal desse sentimento, gravuras do Brasil sem o Nordeste se espalharam nas redes sociais. O que hoje é brincadeira para propagar hostilidade está se tornando verdadeiramente uma guerra midiática entre o Norte e o Sul. Alimentada pela a folclórica imagem do flagelo da seca e das políticas assistenciais.

Regina Baracuhy , *em A PRODUÇÃO DISCURSIVA DA IDENTIDADE NORDESTINA NO GÊNERO PROPAGANDA TURÍSTICA*, fala : “Ninguém em nossa sociedade atual está imune ao poder da mídia. Ela integra nosso cotidiano, influencia nossos hábitos e atitudes e nos oferece a toda hora, uma gama de identidades com as quais podemos ou não nos identificar.”

Em nossa sociedade midiática, capitalista, somos “consumidores de identidades” ofertadas pela mídia, propiciando aos sujeitos, um efeito de “supermercado cultural” (HALL, 2001, p. 75).

Porém essa ideia de povo inferior muda de ótica quando há interesse de lucros com o turismo. A imagem de Nordeste que se vende lá fora é recorrente nos enunciados que compõem a materialidade do discurso turístico, e nesse contexto não existe preconceito com o Nordeste existe sim uma paisagem nordestina que tem como destaque o litoral, com suas praias sempre paradisíacas, com águas cristalinas, coqueirais, corpos jovens e "sarados e uma rede pra descansar.

Por isso, as imagens, no discurso da propaganda turística oficial sobre o Nordeste, podem ser definidas como **metáforas visuais**, pois embora se fundamentem numa relação de similitude com a realidade empírica, elas operam sempre um deslocamento entre o mundo real que elas representam e o universo discursivo em que elas se situam.

A verdade é que somos retirantes em pleno século XXI. Fugindo dos mesmos problemas, convivendo com as mesmas situações, alimentando os mesmos ideais de sempre, sem nunca resolver o que realmente precisa não só no sertão como no Brasil inteiro: a fome educacional.

Essa ideia de superioridade dos estados do Sul só nos mostra cada vez mais a urgência de medidas “Pluriculturais” onde se defenda que o País não é metade e sim um todo com particularidades essenciais para a aceitação da multiculturalidade de uma identidade nacional.

Questionamos o que é ser nordestino, o que é ser sertanejo. Quais as diferenças entre as identidades nacionais, regionais e locais em nossa era globalizada e quais as consequências disso para a nossa vida cotidiana? Quais os efeitos das relações de poder

que perpassam todos os processos indenitários? Pensamos sobretudo nas identidades de resistência, que mostram o embate entre o que se inclui e o que exclui (principalmente) nas construções indenitárias. (Regina Baracuchy , em A PRODUÇÃO DISCURSIVA DA IDENTIDADE NORDESTINA NO GÊNERO PROPAGANDA TURÍSTICA, pg 36)

Há os que defendam sumariamente a separação, alegando que a região Nordeste está no patamar de subserviência, e improdutividade em relação ao restante do País. E há os que ainda defendem a ideia de Paraíso perdido no Litoral Brasileiro uma das principais rotas de destino dos turistas. Á partir dessa perspectiva podem citar alguns poemas de Guibson Medeiros onde o mesmo exalta as características paradisíacas do Nordeste Brasileiro e seu aspecto de superação .

Encanto.

**O Nordeste me encanta
mesmo sendo carente
a chuva as vezes se espanta
e o sol continua quente
mas a beleza é tanta
que incomoda muita gente.**

(Guibson Medeiros)

Nordeste quente

**O Nordeste é realmente
um lugar que só faz bem
tem no mar a água quente
na beleza é um harém
êita povo diferente
gosta de falar oxente
sem falar mal de ninguém.**

(Guibson Medeiros)

A cultura brasileira é um grande conjunto de culturas, que sintetizam as diversas etnias que formam o povo brasileiro. Por essa razão, não existe uma cultura brasileira homogênea, e sim um mosaico de diferentes vertentes culturais que formam, juntas, a cultura do Brasil.

O desafio da Pluralidade Cultural é respeitar os diferentes grupos e culturas que

compõem o mosaico étnico brasileiro e mundial, incentivando o convívio dos diversos grupos e fazer dessa característica um fator de enriquecimento cultural. Com ela propomos os respeitar as diferenças, enriquecer-se com elas e, ao mesmo tempo, valorizar a própria identidade cultural e regional. Essas são as questões mais importantes que o século XXI suscita e sobre a qual cada um de nós pode e deve refletir. Todas as culturas humanas criaram modos de viver coletivamente, de organizar sua vida política, de se relacionar com o meio ambiente, de trabalhar, distribuir e trocar as riquezas que produzem. Assim, a pluralidade cultural indica, antes de tudo, um acúmulo de experiências humanas que é patrimônio de todos nós, pois pode enriquecer nossa vida ao nos ensinar diferentes maneiras de existir socialmente e de criar o futuro.

É necessário contudo entender que o Brasil está dividido. Em primeiro lugar, pela divisão de classes própria do capitalismo, que, em sua versão brasileira, está marcado pela herança escravocrata que nos dividiu - a princípio literalmente e, depois, metaforicamente - em "casa grande e a senzala".

Porém é necessário e crucial unir o Brasil. Mas essa união não se fará com retóricas hipócritas, muito menos evitando os conflitos que muitas vezes são necessários para acabar com a própria divisão. Precisamos unir o Brasil acabando com as fronteiras que produzem exclusão e privilégio, opulência e miséria, opressores e oprimidos.

E esses dois "brasis" - o da casa grande e o da senzala - correspondem também a outras divisões igualmente históricas: o país branco e o preto; o país do sul- e do norte- do sudeste- e do nordeste.

Aceitar que nossas diferenças nos fazem um povo singular e ao mesmo tempo plural é o primeiro passo para entendermos que a pluralidade cultural é a característica principal dos Brasileiros e que nenhuma se sobressai sobre a outra. Alimentar a inferioridade de qualquer que seja a região é um equívoco sem tamanho, se tratando de

um País heterogêneo e miscigenado como o nosso.

O NORDESTINO PODE TER DIFICULDADE DE VENCER
A MORTE... PORQUE A VIDA ELE VENCE TODO DIA.
(Guibson Medeiros)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto estudado, partindo de Gilberto Freyre, onde se observa: uma acomodação do presente, preso ao passado, o romance de trinta, dando ênfase a esse regionalismo sofrido, presente no discurso literário, a música e as artes, bem como o cinema e a nossa classe política criou essa imagem do nordeste, seco, ingrato e cruel, endossando o discurso da separação, estigmatizando uma região que é parte fundamental da nossa área territorial, área complemento, parte de um todo, que só eleva a nossa diversidade dentro do contexto nacional.

Todas as regiões devem se integrar, cultural e economicamente, é preciso quebrar fronteiras, que procuram gerar tendências, traçar destinos, e colocam direcionamentos para algumas regiões, levando em consideração seu passado histórico, não devemos reproduzir o discurso da estagnação, mas sim, do intercâmbio, da competitividade, e da competência, sem a subserviência que tentam colocar no discurso e na prática.

Região centro da economia na época colonial, onde a riqueza do açúcar, bem como a primeira capital em 1549, exaltada e desejada por nações dentro de um sistema mercantilista.

Histórico que pode ser usado como argumentação que a imagem de uma região, pode ser criada, a medida que muda o eixo econômico e as formas de encarar o desenvolvimento.

A temática do cinema, busca firmar-se pelo discurso da seca, mostrando deslocamento para o sul, reforçando a identidade nordestina como o espaço do sofrer, da tristeza, da miséria, um ser vítima do espaço, vítima da natureza.

A verdade é que somos retirantes em pleno século XXI. Fugindo dos mesmos problemas, convivendo com as mesmas situações, alimentando os mesmos ideais de

sempre, sem nunca resolver o que realmente precisa não só no sertão como no Brasil inteiro: a fome educacional.

Essa ideia de superioridade dos estados do Sul só nos mostra cada vez mais a urgência de medidas “Pluriculturais” onde se defenda que o País não é metade e sim um todo com particularidades essenciais para a aceitação da multiculturalidade de uma identidade nacional.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de.** A invenção do nordeste e outras artes, 5. Ed. – São Paulo: Cortez, 2011.
- PORTO, José Hélcio Alves,** História e Geografia do Nordeste: Ensino Médio./ José Hélcio Alves Porto; Luciano Tolentino de Alustau. – Londrina: Maxiprint. 2009.
- PORTO, José Hélcio Alves .** 1966, História da Paraíba – Questões de Concursos e Vestibulares/José Hélcio Alves Porto – João Pessoa: Fotograf . 2009.
- AQUINO, Aécio Vilar de.** Felipéia, Frederica, Paraíba - Os cem primeiros anos de vida social de uma cidade. João Pessoa: Fundação Casa de José Américo, 1988.
- CASCUDO, Luis da Câmara.** História do Rio Grande do Norte. Rio de Janeiro: Edições do Val, 1965.
- CAMPOS, Flávio de.** A escrita da história: ensino médio: volume único: 1ª Ed. São Paulo, 2005.
- COSTA, Cláudio Santa Cruz.** Aspectos econômicos da ocupação holandesa na Paraíba. João Pessoa: A Imprensa, 1957.
- COTRIM, Gilberto,** 1955 . História Global – Brasil e Geral – volume único. Ed. Saraiva. São Paulo, 2005.
- HERCKMAN(S), Elias.** Descrição geral da capitania da Paraíba. João Pessoa: A União Cia. Editora, 1982.
- KOSHIBA, Luiz.** História do Brasil no contexto da história ocidental: ensino médio / Luis Koshiba, Denise Manzi Frayze Pereira. Ed. Atual. São Paulo, 2003.
- MACÊDO, Muirakytan K. de Macêdo.** A penúltima versão do Seridó – Espaço e História no regionalismo nordestino. Natal, 1998. 200 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- MAIOR, A. S.** Quebra-Quilos – lutas sociais no outono do Império, 2ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.
- MEDEIROS FILHO, Olavo.** No rastro dos flamengos. Natal: Fundação José Augusto, 1989.
- MELLO, José Octávio de Arruda (Org.) et al.** Capítulos de História da Paraíba. João Pessoa: Secretaria de Educação/O Norte, 1987.
- _____. A Escravidão na Paraíba - Historiografia e História (preconceitos e racismo numa produção cultural). João Pessoa: A União Superintendência de Imprensa e Editora, 1988.
- MELO, Fernando.** João Pessoa: uma biografia. 3a. ed. João Pessoa: Idéia, 2003.
- MONTEIRO, Vilma dos Santos Cardoso.** Pequena História da Paraíba. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB.
- MONTEIRO, Hamilton de Mattos.** Crise agrária e luta de classes. Brasília: Horizonte, 1980
- PRADO, J.F. de Almeida.** A conquista da Paraíba. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.
- RODRIGUES, José Honório.** Civilização holandesa no Brasil - São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.